

## Sexualidade e gênero

### *Sexuality and gender*

Shelley Arruda Pinhal de Camargo<sup>1</sup>, Luiz Ferraz de Sampaio Neto<sup>1</sup>

Uma das maneiras de definir a sexualidade é a busca por satisfação plena, em desenvolvimento contínuo, que envolve as questões biológicas, psicológicas e sociais. A Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>1</sup> define sexualidade como “uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”.

Portanto, limitar a definição de que a sexualidade se associa a apenas a sexo biológico e reprodução, como já previa Foucault,<sup>2</sup> não exprime o que são os conceitos atuais, mais abrangentes e inclusivos. Robert Stoller, no livro *Sex and Gender*,<sup>3</sup> introduziu a palavra *gênero* para criar um critério diferente do termo *sexo*, que estava tão somente ligado às condições biológicas.

Gênero foi incluído no conceito amplo de sexualidade com mais intensidade a partir da década de 1980, estimulado pelos movimentos sociais feministas.<sup>4</sup> A palavra *gênero* expandiu a possibilidade dos papéis sociais<sup>5</sup> e a aplicabilidade na relação entre a expressão de gênero feminino e gênero masculino, reforçando a subjetividade de cada ser humano na maneira de expressar sua sexualidade.

Joan Scott<sup>6</sup> foi uma influente teórica sobre a aplicabilidade do termo *gênero*. Ela afirmou que existem vários aspectos ligados aos indivíduos e que são constituídos por diferenças percebidas pelas relações sociais entre os sexos, sendo uma maneira inicial de identificar-se. A autora conceituou que o gênero é constituído por quatro elementos que se correlacionam. São eles: os símbolos (nossas expressões sociais e caracterização); os conceitos normativos (que definem como devemos interpretar esses símbolos impostos por influências e doutrinas, sejam elas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas); a representação binária dos gêneros (que reconhece o sexo como influente na sexualidade humana, mas não como o único determinante no gênero escolhido pelo indivíduo); e a identidade subjetiva (que está diretamente ligada às discussões sobre os termos *gênero* e *sexo*, evidenciando as diferenças aplicadas).

Ampliando esses conceitos, Judith Butler<sup>7</sup> inicia uma discussão crítica sobre as relações afetivas binárias, gênero e sexo, homem e mulher e principalmente o sujeito e o outro, trazendo os aspectos subjetivos e de identidade da afetividade. Em suma, gênero é a estilização repetida do corpo, um composto de ações que sofrem mudanças no decorrer da vida do indivíduo, que pode ter diversas identidades, não estando somente relacionadas às prevalências sexuais, o que vem aumentar ainda mais as influências recebidas, com enfoque nas questões emocionais de um ser humano.

A identidade de gênero é uma categoria da identidade social e refere-se à identificação do indivíduo como homem ou mulher, ou com alguma categoria diferente de homem ou de mulher. Essa identidade deve ser construída pelo próprio ser humano. Mesmo com todas as influências que recebermos, caberá a cada um sentir se está em concordância com sua orientação, seus desejos e suas práticas sexuais, entendendo que eles podem ser modificados.

A atenção com as questões de gênero e sexualidade permeia a convivência entre as pessoas. Recentemente a psicóloga do Programa de Atendimento Comunitário (PAC) do *Campus* Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) vem constatando o aumento de atendimentos cuja demanda envolve a temática de sexualidade e gênero, bem como participando de capacitações e discussões sobre a diversidade de gênero e a busca por mais respeito à individualidade e diversidade sexual de cada pessoa. Nota-se aumento na participação de estudantes, profissionais e população, até mesmo de fora da comunidade universitária, querendo aproximar-se do tema.

Nesse meio universitário, a importância atribuída pelos alunos do curso de Medicina e Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde da PUC-SP a atividades voltadas ao assunto reflete os conflitos que muitos de seus membros enfrentam na sociedade. Se entre estudantes universitários essa situação se reveste de adversidades, possivelmente quando voltamos o olhar para os adolescentes isso deve ser ainda mais complexo. A educação sexual formal, que habitualmente se restringe às fundamentações anatomofisiológica e fisiopatológica, é oferecida aos estudantes do ensino médio

<sup>1</sup>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde (FCMS) – Sorocaba (SP), Brasil. Contato: sapcamargo@pucsp.br

por força dos Parâmetros Curriculares Nacionais,<sup>8</sup> que determinam que o tema sexualidade deve ser contemplado nas escolas de ensino médio. A estratégia pedagógica é que o tópico seja incluído como tema transversal, apresentado em várias áreas de conhecimento.

A adolescência costuma ser o momento em que as modificações biológicas permitem a expressão da sexualidade com grande intensidade.<sup>9</sup> Nesse período podem surgir alguns conflitos sobre as questões de gênero, que hoje ganha grande destaque na mídia com a possibilidade de se alterar o nome social. Espera-se que os professores das diferentes áreas do conhecimento, que poderão (e deverão, por força de ofício) discutir a sexualidade com seus alunos, recebam algum preparo.<sup>10</sup> Oferecer a temática apenas do ponto de vista “biologicista” pode parecer mais fácil, pois permite melhor domínio por ser estritamente técnico/biológico, mas gera insuficiência diante da abrangência do assunto pela própria ampliação do tema sexualidade. Aos professores, deseja-se que possam percorrer pelo assunto sem lacunas do conhecimento técnico, sem tentar impor suas impressões pessoais, tabus ou ideias preconcebidas.

Neste número da Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba foi apresentado interessante estudo que, por meio de metodologia qualitativa, abordou como é realizada a inserção dos temas relativos à educação sexual para estudantes de ensino médio em uma escola pública do município de Sorocaba. Destacamos a comprovada importância dos profissionais da saúde e de outras áreas do conhecimento humano, que poderiam se unir aos professores de ensino médio, oferecendo educação continuada, para que em ocasiões que falassem de sexualidade e situações especialmente complexas como a questão de gênero proporcionassem discutir o tema de maneira alargada, visando empoderar a si próprios e

os jovens adolescentes, reduzindo os conflitos interpessoais, ampliando os conceitos e auxiliando os estudantes a enfrentar a marcante fase da adolescência, principalmente quando se consideram os ciclos da sexualidade na sua definição mais abrangente.

## REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Sexual health [Internet]. Genebra: WHO; 2017 [acesso em 24 set. 2017]. Disponível em: [http://www.who.int/topics/sexual\\_health/en/](http://www.who.int/topics/sexual_health/en/)
2. Foucault M. História da sexualidade. Rio de Janeiro: Graal; 1985. v.2.
3. Stoller R. Sex and gender: the development of masculinity and femininity. Nova York: Science House; 1968.
4. Pedro JM. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História. 2005;24(1):77-98.
5. Chartier R. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica: (nota crítica). Cad Pagu. 1995;(4):37-47.
6. Scott JW. Gender and the politics of history. Nova York: Columbia University Press; 1999.
7. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2015. Coleção Sujeito & História.
8. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual. Brasília: MEC/SEF; 1997. v.10.
9. Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP, Aguiar Junior W, Oliveira JR. Aspectos da sexualidade na adolescência. Ciênc Saúde Coletiva. 2011;16(7):3221-8.
10. Queiroz VR, Almeida JM. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba. 2017;19(4):209-14.